

EN A couple of ex-lovers – Clara (Benedita Pereira) and Tomás (Diogo Infante) – meet again a few years after the end of their relationship. As the cold night progresses, they try to understand why their passionate relationship ended abruptly and they engage in an ideological battle. *Skylight* is one of David Hare's most successful plays. Diogo Infante (the artistic director of Teatro da Trindade INATEL) challenged Marco Medeiros to stage this play, which, according to Medeiros, has “a lot of material that needs to be discussed in society”: power, politics, passion, human relationships, guilt.

TELHADOS DE VIDRO

TEATRO DA TRINDADE INATEL (Portugal)
Texto de DAVID HARE Encenação de MARCO MEDEIROS



42º FESTIVAL 04 — 18
de almada JULHO 2025

Organização CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

Dias e Horários	06 JULHO — 22H00
Local	PALCO GRANDE ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA (ALMADA)
Classificação Etária M/12	Duração 1H20

Interpretação

BENEDITA PEREIRA
DIOGO INFANTE
TOMÁS TABORDA

Tradução

ANA SAMPAIO

Música

JORGE A. SILVA

Cenografia

FERNANDO RIBEIRO

Desenho de luz

MARCO MEDEIROS

Assistência de Encenação

REBECA DUARTE

PT

SOBRE PODER E AMOR
Entrevista com Marco Medeiros

Este texto chegou às suas mãos através de Diogo Infante, director artístico do Teatro da Trindade. Já conhecia a peça? Quais foram as suas primeiras impressões quando a leu?

Não conhecia. O Diogo convidou-me para voltarmos a trabalhar e, passado algum tempo, apareceu-me com a proposta deste texto. Quando o li, confesso que a minha primeira impressão não foi a melhor, porque a peça distanciava-se muito de um tipo de narrativa, de um tipo de texto, com o qual me identifico mais para criar os espectáculos. Mas eu tenho esta máxima: quando o Diogo nos propõe seja o que for, algo de bom virá! Acredito muito no seu bom gosto, na sua inteligência e na pertinência que tem ao escolher os textos. Por isso, forcei-me a uma segunda leitura e, aí sim, tudo começou a acontecer. Estive muito mais atento a todas as temáticas, a toda a informação que o autor – David Hare – disponibiliza nos diálogos. E, de repente, surgiu esta paixão pela sua escrita e que resultou neste espectáculo.

Considera que *Telhados de Vidro* aborda o tema do poder?

Sim. Falamos de um poder extremista, se assim quisermos, um abuso de poder, de uma só parte, de uma só facção. Por vezes, de um mau exercício do poder ou de um poder que abona apenas um partido. Em *Telhados de Vidro*, temos o debate desses dois ideais, dessas duas opções políticas. Uma que governa, que lidera, pelo excesso ou abundância financeira. A outra, que se deixa liderar e governar, por ser uma facção mais operária. Uma delas está mais desfavorecida do que a outra e há uma grande desvantagem entre as duas. Nos outros espectáculos, esse mau exercício do poder levava, em última instância, à morte. Neste, não leva à morte imediata, mas a uma morte afectiva, emocional, estrutural.

Esta é uma história de amor, mas também uma exposição de um determinado contexto político e social. Como encenador pretende desafiar e/ou provocar o público a reflectir sobre o país e o mundo?

Cada vez mais! Aliás, acho que só comecei a encontrar-me enquanto criador e encenador quando me revi nessa função de provocador, de gerador de opinião. Antes, era um jovem encenador a querer espicaçar-me a mim próprio, penso eu, com estímulos mais visuais, mais sensoriais. Mais tarde tornei-me um bocadinho mais político nas minhas opções, com mais opinião sobre o mundo. Faz parte do nosso crescimento, da nossa maturidade. Neste momento, sou incapaz de criar algo sem que nessa criação esteja a minha visão sobre o mundo.